



Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e impresso--Typ. "Centro de Novidades,--Barcellos

## Sindicato Agrícola

**N**O numero anterior publicamos, com grande prazer, uma carta que nos foi dirigida, indubitavelmente por um grande patriota, que presa o concelho a que pertence, animado dos melhores desejos de vêr florescer estes povos, actualmente a braços com a miseria. E' muito ponderada e digna de ser lida, com toda a attenção.

Veio-nos sugerir esta carta, uma edeia que muito nos preoccupa : *a fundação d'um syndicato agricola.*

O concelho de Barcellos agricola por excellencia, com uma magnifica situação, estando a dois passos de duas barras exportadoras, tinha por obrigação possuir um syndicato agricola.

A missão verdadeiramente nobre do syndicato, é estudar, promover e defender os interesses agricolas do concelho; promover a instrucção agricola dos socios, pelo estabelecimento de bibliothecas, cursos, conferencias, concursos, exposições e campos de experiencia.

Faculta aos associados a aquisição de adubos, insecticidas, sementes e plantas, em condições vantajosas de preço e qualidade, e hem assim a compra ou exploração em commum ou em particular de machinas agricolas, animaes de trabalho, reproductores e proprios para qualquer industria.

Procura mercados para os productos dos socios, e facilita as relações entre estes e

os compradores de dentro e fôra do reino.

Procede a ensaios de culturas, adubos, machinas e instrumentos aperfeçoados; auxilia a criação de instituições de credito agricola, seguros agricolas, caixas economicas de soccorros mutuos, sociedades cooperativas, seguros mutuos, fructuarias e quaesquer outras instituições.

Segundo a carta de lei de 30 d'abril de 1896, os syndicatos agricolas gosarão para os transportes, que façam de conta propria, ou dos socios nos caaminhos de ferro do estado e nas linhas de paquetes subsidiados, d'uma redução de 25 % sobre as tarifas geraes ou espeeiaes.

Nos laboratorios das estações chimico-agricolas, gosarão as analyses requisitadas os seguintes abatimentos nas tabellas geraes : de 20 % para analyses de adubos e plantas, de 70 % nas terras.

C.M.B.



Biblioteca

## Dr. José da Silva Tavares

(ALGUMAS NOTAS BIOGRAFICAS)

Nasceu este insigne escriptor na freguesia de S. Miguel de Argivaç, do antigo concelho de Barcellos, em 14 de fevereiro de 1788.

Destinado desde logo por seus paes para a vida sacerdotal, entrou na ordem dos eremitas de S.º Agostinho e ali professou, concluidos que foram os seus estudos ecclesiasticos.

Deixou então o seu nome profano e passou a chamar-se frei José da Sacra-Familia.

Em seguida foi para Coimbra, onde se formou em philosophia e theologia, tomando capello n'esta faculdade.

Reconhecido e devidamente apreciado o seu grande talento, foi nomeado professor do Real

Collegio das Artes, sendo já professor no anno de 1824.

Em 1829 publicou frei José da Sacra-Familia um livro que intitulo: :

«*Lições elementares de geographia e chronologia, com seu Atlas apropriado, accomodadas ao estado de conhecimentos e mais circumstancias dos alumnos da aula de arithmetica, geometria e chronologia, no real Collegio das Artes da Universidade de Coimbra.*»

Estas lições foram mandadas imprimir pelo governo, nas officinas da Universidade, por aviso de 7 de novembro de 1829.

Eis como um escriptor competentissimo apreicia o livro do Sacra-Familia: «Ordenou o professor Sacra-Familia estas lições com particular artificio. Em limitado numero de paginas se contem rigorosamente um compendio de geographia actual o mais completo, resumido e abundante de doutrina. E a mesma necessidade, que obriga o auctor a extremar na geographia as doutrinas mais essenciaes de um compendio completo, mas o mais resumido possivel, lhe impoz igual obrigação de fazer outro tanto a respeito da chronologia. Modelo de estilo didatico, pelo methodo, perspicuidade, e discreta sobriedade de doutrinas, tiveram as *Lições Elementares*, entre nós, a mais benefica influencia no progresso da geographia e chronologia, tornando amavel e querido o seu estudo, que mui perfunctoriamente havia sido até então dirigido.

Benemerito das letras e da patria se constituiu o insigne professor Sacra-Familia por tão importantes serviços . . . »

(*Uma pagina da nossa historia litteraria* (1824-1834), por Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão).

Foi Sacra-Familia um dos mais dedicados correligionarios do principe D. Miguel, cuja causa defendeu na imprensa com enthusiasmo e brilho, pelo que abandonou Portugal logo após a convenção de Evora Monte, só para não ter de reconhecer o governo de D. Maria 2.<sup>a</sup>.

Em 1835 estava frei José em França, onde era mais conhecido pelo nome de Dr. José da Silva Tavares, incumbido da educação e instrucção de dois nobres mancebos, que mais tarde occuparam importantes cargos na sua patria.

Foi, depois, encarregado de dirigir por algum tempo, no Prytaneu de Menars (importante estabelecimento de educação) a secção de alumnos portuguezes e brasileiros; e em 1838, juntamente com alguns patricios seus, que se achavam em Paris, emprehendeu e fundou um importante estabelecimento de ensino litterario e scientifico, principalmente destinado para alumnos portuguezes e brasileiros, que fossem continuar ou completar os seus estudos em França. Foi o collegio luso-brasileiro, estabelecido em Fontenay-aux-Roses, nos suburbios de Paris, com a denominação de D. Pedro de Alcantara, por mercê de D. Pedro 2.<sup>o</sup>, imperador do Brasil.

Inauguradas as aulas em novembro de 1838, com dez ou dose alumnos, taes creditos adquiriu o collegio que, dentro de breve tempo, já tinha

73 alumnos, sendo quinze franceses. Pode-se dizer que este estabelecimento de educação chegou a dispôr de uma fama universal.

Nas suas relações com as auctoridades universitarias de França, representou de director do collegio Eduardo de Mendonça, portuguez de nascimento, mas naturalisado frances, que primeiramente estudou em um gymnasio prussiano e, depois, em um lyceu de Paris, debaixo da direcção do eminente publicista Silvestre Pinheiro Ferreira. Outro portuguez residente em Paris — o commendador Luiz Antonio Esteves Pereira, prestou, tambem, grandes serviços ao famoso instituto, contribuindo com quantia superior a quarenta mil cruzados para a sua fundação.

Era distinctissimo o corpo docente. Além do director Silva Tavares, ensinaram varias disciplinas no collegio de Fontenay, entre outros, os portuguezes seguintes: Manoel Moreira Coelho, vice-consul de Portugal em Paris, d'onde o chamaram para sub-director dos filhos da rainha D. Maria 2.<sup>a</sup>; Manoel Corrêa de Abreu, que, depois do seu regresso a Portugal, fundou o celebre collegio de Landim; um tal Fonseca, major de artilharia do exercito realista e inventor de um pantographo, que a Academia das Sciencias de Paris apreciou honrosamente para o inventor, e Antonio José Viale, um dos mais distinctos humanistas do seculo passado, conservador da Bibliotheca Nacional e professor no Curso Superior de Letras.

Dos professores franceses merecem especial menção Luis Delattre, doutor em medicina, cujas obras sobre linguistica são apreciadissimas em França; Carlos Brasseur de Bourbourg, que foi missionario apostolico na America hespanhola, e escreveu obras monumentaes sobre antiguidades mexicanas e peruvianas, publicadas por ordem e a expensas do governo frances; o celebre poeta Genty; Murray, judicioso compilador da obra tantas vezes impressa, intitulada *Elegant Extracts of English Writers*; Barbagero, hespanhol, que traduziu e publicou uma traducção castelhana dos Martyres de Chateaubriand, e, finalmente, o barão de Tautphoens, que ainda em 1881 era professor de grego no collegio imperial de D. Pedro 2.<sup>o</sup>.

Foram muitos os alumnos portuguezes que continuaram ou completaram a sua instrucção litteraria no collegio do Dr. Silva Tavares. Memoraremos o 2.<sup>o</sup> duque de Loulé e seu irmão o 3.<sup>o</sup> conde d'Azambuja; o conde de Farrobo, a quem o collegio deveo o elegante theatrinho em que foram representadas algumas peças dramaticas portuguezas e francesas; o celebre professor da Academia Polytechnica do Porto, Dr. Amorim Viana — o *Newton* portuguez; dois filhos dos 5.<sup>os</sup> marqueses de Valença, D. Affonso e D. Caetano de Portugal; Luiz de Vasconcellos e Manoel de Vasconcellos, filhos dos 3.<sup>os</sup> marqueses de Castello-Melhor; quatro filhos do Barão de Santos, um dos quaes D. Americo, fallecido cardeal-bispo do Porto; Alfredo Allen, 1.<sup>o</sup> visconde de Villar d'Allen, e seu irmão Eduardo Augusto, que se graduou bacharel em letras na Academia

# TENTATIVAS

Ao meu amigo Mario P. d'Oliveira.

*Aos pinaros d'Olympo quer's galgar,  
Em subitaneos vôos de poesia,  
Para poder haurir doce ambrozia  
Que só os Deuses pôdem prelibar !*

*Mas tem cautella, oh ! Mario, no entornar  
Essa esplendida taça que inebria  
No magico philtrar da phantazia . . .  
Se mais tu bebes, vaes-te embriagar !*

*E, custa mais descer do que subir,  
A escada deslumbrante da illusão.  
Não vás na Realidade descahir,*

*Pois que, ás vezes, na quéda, o coração,  
Unico bem que temos a fulgir,  
Ao cahirmos . . . esmaga-se no chão !.*

Alvito. 8—X—909.

ARNALDO BRAZ.

de Paris e mais tarde formou-se em direito em Coimbra, e foi bibliothecario da Bibliotheca publica do Porto e director do museu da mesma cidade.

Infelizmente foi curta a duração do collegio de Fontenay—aux—Roses, porque insuperaveis difficuldades financeiras, que o seu illustre e dedicado director não pôde remover, fizeram que o importante estabelecimento encerrasse de vez os seus trabalhos em setembro de 1843.

Por este motivo, deixou o Dr. José da Silva Tavares a França, e, depois de visitar varias cidades da Allemanha, partiu para a Inglaterra, em cujo mundo catholico teve radicadas sympathias, sendo-lhe dada a parochia de S.<sup>ta</sup> Helena de Bront-Word, nas proximidades de Londres, que elle pastoreou durante alguns annos e onde veio a fallecer em 14 de setembro de 1858, com setenta annos de idade.

O Dr. José da Silva Tavares foi sempre muito considerado, não só pelas suas virtudes, como tambem pelo seu saber e firmeza de character, e deixou impressos varios trabalhos de subido merecimento.

Na modesta casita de Argivae, onde havia nascido este insigne cultor das lettras, a digna camara da Povia de Varzim mandou collocar em 1886 uma lapide commemorativa, que diz :

*« Nesta casa nasceu a 14 de fevereiro de 1788 o Doutor frei José da Silva Tavares da Sacra-Familia, professo da ordem reformada de S.<sup>to</sup> Agostinho. Falleceu em 14 de setembro de 1858 e está sepultado na igreja parochial de S.<sup>ta</sup> Helena de Bront-Word, de cuja parochia era pastor. »*

Ao mesmo tempo deliberou dar o nome de Sacra-Familia a uma das ruas da Povia — a que vae da igreja matriz para a freguesia de S. Miguel de Argivae.

Bem haja a illustrada vereação, por se não esquecer do portuguez benemerito, que tanto honrou em França e na Inglaterra a sua patria.

W.

## Coisas Velhas

LEIO sempre, com bem razoada curiosidade e desperto interesse, o *Barcellos-Revista*, logo que o carteiro da Rua Gomes Freire o entrega em minha casa, e em boa hora elle chega pois coincidindo com a do almoço, n'este me faz boa companhia, e como que me aguça o appetite para elle, que aliás me foi sempre e em toda a minha vida, a refeição mais grata de todas as do dia, sobretudo quando feito de laser, e continua a sel-o n'este seu poente, pois aquella em que mais aptos nos sentimos para apreciar os praseres do «gosto», o sentido que menos fraqueja nos velhos e até como que n'elles se reforça á custa dos restantes quatro. (a)

«Bem razoada curiosidade e bem desperto interesse» disse eu acima serem os com que abro e percorro as paginas do *Barcellos-Revista*, e assim é, que naturalmente devido ao muito que ainda me lembro de Barcellos, apesar de me haver d'elle distanciado ha já longos onze annos, pelo longo trato da existencia que ali passei, e de, embora longe, continuar a votar-lhe, e a tudo o que em bem lhe respeita, a mais intensa sympathia.

Acresce ainda, para que tal succeda, o agradarme a orientação que o *Barcellos-Revista* desde seu primeiro numero, temou por norma de sua vinda ao lume da publicidade, procurando bem justificar com sua observancia, sua propria divisa.

Ora se me chamam e prendem a attenção todos os assumptos que o *Barcellos-Revista* avoca a suas paginas, bem mais de perto isso me tem succedido com os artigos que n'elle tem publicado o abbe Antonio Paes, subordinados á denominação *Coisas Velhas*, por compendiares elles os fastos do jornalismo em Barcellos, forrageando á vontade, para o faser, na sua feliz e bem conhecida reminiscencia, e de todo o ponto obvio que assim aconteça visto eu, por tantissimos annos, haver rabejado para jornaes de Barcellos.

Ora occupando-se elle no VII dos referidos artigos, das segunda e terceira phases por que passou o *Jornal do Povo*, no final do mesmo artigo diz:

«O Rodrigo Velloso, e só elle, poderá corrigir qualquer inexactidão, que, involuntariamente, eu aqui deixe n'estas chronicas, que escrevo de memoria; mas, pelo que me informam, o Rodrigo não terá a cabeça mais fresca do que eu, apesar de ser mais velho um pouco.»

(a) *Muitas vezes ouvi ao illustrado e humorista Dr. Balbazar Machado da Silva Salazar, que todos e os tantos e tão variados praseres que na mocidade e na força da vida lhe haviam interessado todos os sentidos, na velhice se lhe haviam como que refugiado e acantoados no ceo da boca, pois que o unico praser que então lhe era dado gosar o do paladar.*

*Montegazza no seu excellent livro Elogio da Velhice longamente tambem preconisa o «gosto» como um de seus maiores praseres.*

Não sahiria eu á como que puxada com que assim o abbe Paes me convida á partida, se não fôra conter uma pequena inexactidão o referido artigo, pelo que me respeita, e julgar eu valer a pena o rectificar-se, não só em abono proprio mas ainda no da memoria de amigo já desde muito fallecido.

Existe ella no ponto em que é dito «João Bettencourt não morria d'amores pelo Velloso», pois a verdade é que sempre mantivemos ambos, emquanto João Bettencourt residiu em Barcellos, a mais franca cordealidade e as melhores relações de amizade, em cousa alguma concorrendo ou influindo n'ellas e para sua diminuição ou quebra, o eu militar ao tempo em campo politico opposto ao de Faria Barbosa, de quem Bettencourt era, e nem poderia deixar de ser, todo devotado.

Testemunho irrecusavel d'isso o poderá ainda dar a sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Bettencourt, e, se me não trae a memoria, Manoel Paes, pois que presencias de facto succedido no anno de 1866, a que referente o artigo do abbe Paes, na casa do Rio, que era a de Faria Rego, mas em que então habitavam João Bettencourt e a esposa, em occasião em que se achava ausente para Lisboa, como deputado que era, o mesmo Faria Rego.

Não sei como, nem bem a que proposito, mas parece-me ter sido pelo Carnaval, concorremos n'uma noite a essa casa Manoel Paes, José Palmeiro e eu. João Bettencourt e esposa, receberam-nos galhardamente, e galhardamente nos obsequiaram com doces e vinho generoso, e de tão boa vontade o fiseram que naturalmente por uns e outros se entrou á grande, arranchando eu ao caso, não obstante ser abstemio, que a visita aqueceu na mais franca alegria, e em bons ditos de Manoel Paes e de José Palmeiro, ambos, quando d'hora, de uma graça inimitavel, em que a lingua espanhola, bombasticamente pronunciada, entrava por não pequena parte, com o que por bem compensado parecia darem-se os nossos bondosos amphitriões do sequestro que soffriam, tantos seus expansivos risos.

A certa altura José Palmeiro desapareceu, e como se demorasse fomos todos, os homens, em sua procura, e dirigindo-se primeiro naturalmente á *casinha*, que por signal então verifiquei, primeira e unica vez em que ali entrado, ter dous buracos, a par, no assento, deparou-se o José sentado em um d'elles e com a cabeça metida no outro...

As gargalhadas que o caso extraordinario e patusco provocou e que chamaram a attenção da esposa do Bettencourt foram de tal ordem que a suggestionaram a ella, a ponto de de tanto rir ter um violento ataque de nervos, que deu fim á patuscada.

Fica no exposto a rectificação a que atraz alludi, e que houve por conveniente, não obstante o fazel-o me mover a fundas saudades do passado...

Lisboa, 7 de outubro de 1909.

RODRIGO VELLOSO.

## BARCELLOS — Um trecho do Campo de S. José



Cliché de Gonçalo Alcalde y Alonso

Simili-gravura de Marques Abreu

## CARTAS Á MINHA VIZINHA

III

(CONCLUSÃO)

A luta economica de hoje exige uma educação especial dos agricultores e industriaes. — O bacharelismo, longe de ser um auxiliar, para ella, é um estorvo. — O *businessman Americano*. — Uma affirmação de Carneggie. — A riqueza social, nas mãos dos inúteis. — Um grande ministro de uma grande nação: Lloyd George. Os nossos diplomados e os nossos burocratas. A educação da mulher burgueza é uma das causas da nossa miseria economica — Como a vizinha deve tentar libertar-se d'ella.

E todavia a agricultura, a industria e o commercio necessitam, no mundo moderno, em que a luta economica é mais aspera e complicada; de lucidas intelligencias e de vontades energicas, adextradas, por uma habil educação *pratica e especializada*.

Porque, illudida vizinha, o *bacharelismo*, o *diploma das nossas escolas*, com o seu vazio: de noções praticas, com a sua falta de malleabilidade e iniciativa, para o trabalho, não pode ser senão um impecilho, para o exercicio de profissões de que são a

alma: *essa iniciativa, essa malleabilidade, esse espirito pratico*.

Na America, o verdadeiro *businessman* (*homem de negocios*) nunca é um diplomado de qualquer Universidade.

São de um archimillionario Americano, que é simultaneamente um alto e rasgado espirito, que se elevou por si, pela força da sua intelligencia e pelo vigor e tenacidade do seu character, do celebre Carneggie, as seguintes palavras: «A ausencia total, no mundo dos negocios Americanos, de um *graduado* que chegasse a um logar elevado, parece justificar a conclusão de que a *instrução que actualmente se recebe, nas Universidades é nefasta, para o successo em negocios*.»

E isto na America, adoravel vizinha, na America, em que as Universidades tem uma orientação abertamente pratica, no ensino!

Que diria então Carneggie, *dos nossos diplomados* que torcem caminho, para se dedicarem: a industria, ao commercio, a lavoura!

E' que, na idade em que, *normalmente* se acaba uma formatura, a *estrutura inti-*

ma do espirito já está fixada e difficilmente elle poderá alterar: *os habitos, os vicios, o modo de ser, de pensar, de actuar*, de que a educação e o meio impregnaram.

Uma intelligencia habituada ás abstracções, aos jogos malabares das theorias, ao formalismo, ás estereis argucias da logica, não se transforma facilmente, em uma intelligencia: pratica, chã, fortemente mergulhada, na vida, sabendo aproveitar e tirar partido das occasiões, podendo salvar-se com rapidez e finura dos seus embarços.

Por isso a educação que prepara: os bachareis, os funcionarios, os officiaes do exercito, não só é inutil para formar agricultores, commerciantes ou colonisadores, mas o que é peor: é um estorvo, de que muito difficilmente as suas victimas se conseguem desembaraçar,

E não chega a ser um crime, vizinha, a detenção da riqueza social ou em terras ou em dinheiro, nas mãos d'aquelles que, por uma educação impropria, a não sabem valorisar?

D'aquelles que accumularam no cerebro uma sciencia inutil, para adquirir um diploma inutil?

D'aquelles que por incapacidade, por falta de uma educação apropriada, cultivam mal a sua terra, dirigem ineptamente o seu commercio e a sua industria, sem conhecimentos, sem espirito de sequencia, sem iniciativa, ignorando: as condições do mercado local ou mundial, as suas preferencias, as suas oscillações?

D'aquelles que: ou abandonam as suas terras, ou as entregam a caseiros pobres, enfeudados á rotina: pela miseria e pela ignorancia?

D'aquelles que abandonam o seu dinheiro á commoda voragem da divida publica ou da usura particular?

D'aquelles que não têm um gesto de actividade verdadeiramente util e quazi só conhecem o de estender a mão aristocratica e tantas vezes impiedosa, com que recebem os juros e as rendas?

Ai dos inuteis, vizinha, ai dos inuteis, porque só o nosso estado social, muito imperfeito, ainda os tolera!

E não me chame revolucionario, vizinha, porque, na conservadora Inglaterra

tão intelligente e liberalmente pratica nas suas leis, na patria dos lords ricos, aristocratas e egoistas, um grande governo, em que se destaca a gloriosa figura de Lloyd George, iniciou já rasgadamente esse movimento de renovação, ia a dizer de justiça social.

E assim no orçamento inglez deste anno apparecem impostos pesadissimos: sobre as *sucessões*, sobre as *grandes propriedades sem cultivo ou mal aproveitadas*, sobre as *casas não habitadas pelo dono ou que se não dão de arrendamento!*

Ai dos inuteis! porque esse movimento ha-de alastrar e progredir, como todas as aspirações que traduzem uma necessidade social.

E para não julgar que exagero, quanto ao nosso estado de coisas, basta dizer-lhe, vizinha, que entre nós mais de 100:000 burguezes se dedicam ás profissões liberaes e mais de 50:000 são funcionarios publicos! Emquanto a pouca industria que temos, está nas mãos dos estrangeiros e a agricultura vegeta miseravelmente, com falta de capitaes e intelligencias educadas!

Pense, vizinha, que os nossos incultos e maninhos representam, ainda hoje, 44 por cento da superficie total do paiz e que, na Europa, só a *Noruega* e em virtude da desolada aridez das suas enormes geleiras, nos excede em extensão, de terrenos sem cultivo!

E todavia importamos annualmente 5:000 contos de cereaes; a terra definha, dando um rendimento irrisorio que faz vegetar numa miseria embrutecedora o lavrador, os salarios dos jornaleiros são mesquinhos, os lucros dos rendeiros irrisorios; e 30:000 emigrantes vão cada anno buscar longe da sua patria condições de vida, fugindo á *terra* onde nasceram e que os devia alimentar!

E sabe vizinha donde vem, em grande parte, este abandono inintelligente e tão nocivo, da terra, da industria, do commercio pelas classes que lhe deviam trazer: a força dos seus capitaes e a energia e o vigor da sua intelligencia? Em grande parte da mulher burgueza, sobretudo da burgueza rica que tem a idolatria do bachelismo e um desprezo aristocratico pelas

mais nobres profissões de um paiz, as que o alimentam e enriquecem.

Da burguezia rica que tem como suprema aspiração um marido bacharel e que não dispensa os filhos de entrar na vida, sem curvar a cabeça sob a canga do diploma que os faz muito sabios e muito inuteis.

Não queira por isso, vizinha, que caia sobre si essa grande responsabilidade de contribuir, de provocar, tambem a desgraça da sua patria.

Estenda com orgulho a sua mão fina e branca, como marmore de Paros, á mão callosa de um lavrador ou de um industrial, se a delicadeza da sua alma e a clareza da sua intelligencia, forem grandes,

como a energia e a productividade do seu trabalho.

E sobretudo quando tiver filhos ensinelhes o amor da terra, do trabalho livre e respeitando-lhes as suas vocações, procure arroja-los livremente independentemente, com uma preparação solida e pratica, á vida laboriosa e productiva dos lavradores, dos industriaes, dos commerciantes, dos colonisadores.

Bem fará por elles e pela nossa desgraçada patria.

Desculpe mais uma vez o seu

Vizinho hoje como sempre, muito :

Importuno.

## PERFIS MASCULINOS

### XIV

Louvido seja o Senhor  
E me ajude no perfil,  
D'uma ovelha, um desertor,  
Que não voltou ao redil.

Usava já *cabeção*  
E cantava em nota solta ;  
Mas, por fatal tentação,  
A *móca* deu volta á *volta*.

Deixou crescer o bigode,  
Não mais ajudou á missa,  
E mettu-se no pagode,  
Pouco melhor, da justiça.

Já tocou como um *Sardinha*  
Rabeca no Gil Vicente ;  
Mas deixou, não lhe convinha,  
Ter logar tãe eminente !

Nos seus tempos de menino  
Foi por anjinho uma vez,  
Loirinho, muito ladino,  
Vestidinho de *princez*.

No café, pizando o *sólo*,  
Esquecendo o bandolim,  
De vez em quando diz *bólo*,  
Porque lhe lembra o latim !

DOIS AMIGOS.

## Chronica ligeira

As vindimas? Certo. Foram ellas que, na presente quinzena, mais animação trouxeram ao movimento local. Mas pouco suggestivas e até soturnas, como o tempo que tem feito, com excepção d'alguns raros dias.

N'este anno o trabalho praticava-se como que n'uma precipitação de vertigem, n'um grande e açadoado afan de não deixar perder-se o precioso fructo d'onde escorre saborosíssimo nectar.

Os esforços foram-se gastando synergicamente na mesma convergencia d'imperiosa e concentrada actividade. Não havia vagar para mais nada. Era apanhar as uvas e conduzi-las aos respectivos logares do fabrico. Um serviço acelerado e triste, que estava muito longe do que costuma ter de pittoresco e vibrante a alegre faina das vindimas.

Este anno foi assim: taciturna a tarefa, como sombrio o tempo.

Anno fatidico. Não que a colheita deixasse de ser abundante. Com ella estão satisfeitos os vicultores, assim o pudessem estar ácerca da collocação do vinho, o que dá serias preocupações, tanto mais que ainda do anno passado existem muitas adegas cheias. Mas não é verdadeiramente por isto, que pode ser muito bem remediado se, como já foi opinado na « Revista », os productores se decidissem, por si proprios, a irem grangear mercados lá fóra, no Brazil nomeadamente, rasgando horisontes a muita actividade retraida e abrindo um largo futuro á economia do concelho; não é verdadeiramente, dizia eu, por causa das apprehensões resultantes do que podemos ter por superprodução de vinho, que a minha penna acóimou de fatidico o corrente anno.

Não. O meu dever de chronista é registar os acontecimentos e occorrencias locais, que mais tenham interessado o nosso pequeno meio; mas

a verdade é que d'esta vez, ao desobrigar-me de tal mister, o meu espirito paira ainda sobre a velha fortaleza de Montjuich, onde em nome da *Ordem* foi assassinado Ferrer! E é porisso que eu accuso de fatidico, de bem sinistro o anno que vê a espantosa monstruosidade, o pavoroso attentado que uma lei ominosa estatue, é certo, mas que só um grande excesso de crueldade pode applicar, principalmente, quando um fero proposito de condemnação acode, como n'um hausto terrivel de criminoso vingança, á decisáo tremenda d'um tribunal d'excepção!

Suppunhamos porém, que nada houve de parcial no julgamento e que, apesar do alto, vibrante, eloquente e justo clamor da defeza, os juizes entenderam não poder fugir á pasmosa ferocidade do fatal *verdictum*.

Deveria elle obter confirmação e, muito mais, deixar executar-se a sentença nefasta que roubou a vida preciosa d'um professor illustre, um espirito extraordinario, um homem que por si só faz honra a uma nação?

Não! Mil vezes não! Tanto mais que o director da Escola Moderna, tendo demonstrado sempre a coragem inquebrantavel dos batalhadores denodados, repudiou a accusação que lhe era feita e não é lícito suppor que, quem deu sempre

as mais inequivocas provas d'uma grande envergadura moral, plenamente confirmada na forma heroica como affrontou a hora extrema, houvesse descido á fraqueza cobarde de engessar responsabilidades, por mais duras que ellas fossem.

Mas Ferrer tinha d'eliminar-se. Quiz cobrir-se a sua morte com o apparato da legalidade, mas nada se conseguiu occultar aos olhos precabidos da opinião.

O mundo culto protesta e uma grave agitação se sente mover nos centros onde o espirito de civilisação palpita com maior intensidade.

A emoção é profunda e o espanto tanto mais assombroso, quando se soube que a dureza extranha de atrozes verdugos, nem deixou ao menos que a clemencia reparadora d'um Rei, ainda moço, fosse euxugar as lagrimas desesperadas d'uma filha excruciada!...

«O 'Rei! que, como o proprio Deus, podes dispor da vida ou da morte, desvaneci por um impulso do vosso nobre coração a amargura da minha alma e escutae a humilde e ardente supplica da filha de Ferrer.»

Nada! Ferrer está morto! Inaudito!

M.

## De relance

ONDE está o sentimento popular?—Na imprensa, no jornalista, no orador dos comícios, no ministro, na voz do povo?

Não! — Eu julgo que o sentimento popular é de momento

Por occasião dos acontecimentos de Barcelona, — a *semana tragica* como lhe chamam ainda — a voz publica recriminou o lance audacioso dos revoltosos e vergou-se pesarosa deante do incendio, que lambeu edificios e carbonisara vidas. Hoje, deante da sentença que condemnou Ferrer a ser fusilado n'uma praça de guerra, essa opinião publica teve o mesmo sentimento de revolta contra quem ousou sacrificar o homem!

A opinião publica é pois o momento.

Tanto ella se impressiona deante d'um crime, como deante da pena infligida ao criminoso.

Se o momento se apresenta tragico, a opinião publica recrimina-o. Se esse momento se apresenta sympathico, a mesma opinião acceta-o e sympathisa com elle.

Nem os jornaes — que são a opinião de quem os escreve — conseguem mudar a opinião que se impressiona no publico. O publico convenceu-se já da paixão, e a paixão é de momento.

E que é o momento? — O momento é o caso.

Foi antipathico o caso da *semana tragica* em Barcelona, como antipathica foi a sentença da execução de Ferrer.

Uma morte é sempre antipathica; — mas muitas mortes são tambem antipathicas. — E Ferrer foi a causa da morte de muitos? — Eu não sei: — mas se o foi, a sua morte foi tão sentida como a morte d'esses muitos. Se havia odios, os odios desapareceram.

A opinião publica é assim: Tanto a impressiona uma como muitas mortes.

Não se justificou a morte de Ferrer, como se não justificou, se bem creio, a *semana tragica*, que causou muitas mortes.

Sentiu-se a perda do homem de sciencia e não a do revolucionario?

N'este caso, esquece-se o revolucionario, porque em vida fica ainda o homem de sciencia.

Viverá pois Ferrer, — o scientifico — porque morreu Ferrer, — o revolucionario.

Morreu o homem, mas a ideia do homem vive ainda no espirito d'aquelles que o admiravam como scientifico.

Na hora tragica em que a Hespanha visinha sentiu os efeitos de uma revolução interna, ao mesmo tempo que tinha de bater-se com os que contra ella se revoltaram no Riff — n'esse momento em que a Hespanha procurava conter a revolta exterior, essa nação sentiu ter de bater-se com dois inimigos: — os internos e os externos: — os revoltosos do Riff e os revoltosos de Barcelona.

No Riff, havia um chefe da revolta; em Barcelona, havia tambem outro chefe: — Quem eram ou quem são? — Quem se aponta ou apontou n'essa qualidade?

Ferrer foi condemnado á morte como chefe da revolução de Barcelona e a sentença executou-se já. E seria elle? — O futuro o dirá.

E Ferrer teria sido um martyr? — De quem? — Dos «reaccionarios» ou dos «revolucionarios»?

Dizem que elle foi um martyr e, portanto, foi Ferrer um martyrizado. Na qualidade de scientifico o admiro e choro e na qualidade de revolucionario, chamo-lhe heroe.

Mas o Ferrer scientifico ficará vivendo. J. S.